

## OS MERCADORES DE VINHO DO PORTO E O SAL PORTUGUÊS (1704-1747)

António Barros Cardoso<sup>1</sup>

*Resumo:* A nossa comunicação visa dar a conhecer quem foram os mercadores de vinhos do Porto que, ao longo da primeira metade do Século XVIII, se interessaram pelo negócio do sal. Fizemo-lo sobretudo através dos Livros de Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Rio Douro. Procuramos saber das razões que os levaram a interessar-se por esta mercadoria e verificamos que a principal motivação se encontra na especialização de algumas companhias em determinados segmentos de negócio, como o do peixe seco, com destaque para o bacalhau. Tentamos também perceber qual a origem do sal que fizeram chegar à cidade e avaliar a dimensão das suas actividades económicas na urbe, sem esquecer a projecção que tiveram em mercados exteriores

Aquando do desenvolvimento de pesquisa documental com vista à elaboração da minha tese de doutoramento<sup>2</sup>, tive oportunidade de lançar mão de uma fonte importante para o conhecimento da estrutura mercantil do Porto da primeira metade do século XVIII, como do conhecimento do movimento da barra da cidade no mesmo período<sup>3</sup>, bem como de alguns aspectos ligados à profilaxia sanitária da cidade ao longo do mesmo período. Refiro-me aos *Livros de Visitas de Saúde* às embarcações entradas na barra do Rio Douro. Agora volto à mesma fonte para falar do sal enquanto produto que muito interessou os mercadores portuenses de Vinho do Porto que à época operavam na cidade:

Mercadores	Nº de barcos com carga de sal	Mercadores	Nº de barcos com carga de sal
BENJAMIM TILDEN & C. <sup>a</sup>	15	JORGE HAMÃO	5
DOMINGOS ALVES BRAGA	3	PEDRO BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	6
FRANCISCO MILNER & C. <sup>a</sup>	3	PEDRO DUQUER & C. <sup>a</sup>	3
HENRIQUE BYMES & C. <sup>a</sup>	6	RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	8
JOÃO CAULLET & C. <sup>a</sup> (CLARMONT)	3	RICARDO AYLUARD & C. <sup>a</sup>	4
JOÃO CLARQUE & C. <sup>a</sup>	4	RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	9
JOÃO ESTEVENÇÃO & C. <sup>a</sup>	12	SANSÃO ESTUART	5
JOÃO QUELY & C. <sup>a</sup>	3	THOMAS PHAIRE & C. <sup>a</sup>	3
JORGE BULLIMORE	8	TOUNSEND VETENAL	4

O quadro anterior mostra quem foram os principais comerciantes de vinhos no Porto que receberam navios com carga de sal. Pode verificar-se que, com excepção

1. abarroscardoso@sapo.pt; Universidade do Porto – Departamento de História da Faculdade de Letras; da Universidade do Porto; Coordenador-adjunto do GHEVID – *Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto*.

2. CARDOSO, António Barros – Baco & Hermes – *O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 2 vol.

3. CARDOSO, António Barros – *Subsídios para a História do movimento da Barra do Douro (1704-1747)*: in “O Litoral em Perspectiva Histórica – Sécs. XVI a XVIII”, Porto, IHM – Instituto de História Moderna da FLUP, 2001, p. 227-245.

de Domingos Alves Braga que recebeu apenas 3 navios com carga de sal, todos os outros mercadores são de nacionalidade inglesa. Ou seja, o comércio do sal foi, como sucedeu com outros produtos, um negócio que na cidade do Porto esteve entregue a mãos estrangeiras. As razões da entrega britânica ao trato do sal, residem na importância que as firmas inglesas alcançaram nos negócios da urbe neste período. De facto, os ingleses do Vinho do Porto dominaram a economia do Porto, pelo menos até à criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, faz este ano 250 anos. Como é sabido, ancoraram os seus negócios em vilas como Monção e em cidades do norte de Portugal como Viana do Lima e claro está o Porto. O produto âncora dos seus negócios no norte de Portugal a partir de finais do século XVII foi o vinho que começaram por comprar em toda a Ribeira Lima, voltando-se num segundo momento, em força a partir de 1718, para a Região do Douro a cujo desenvolvimento e transformação em área de quase monocultura deram forte impulso.

### O sal e o negócio do peixe seco

Entre os mercadores ingleses do Porto que mais se interessaram pelo negócio de sal, a avaliar pelo número de barcos com carga deste produto que receberam no período da sua actividade na cidade, contam-se Benjamin Tilden e Richard Thompson. Trata-se de precursores da Casa Croft, a segunda companhia inglesa a instalar-se na cidade do Porto em torno do negócio dos “*Red Portugal Wines*”, com a designação social Phayre & Bradelys<sup>4</sup>, sediada na Rua Nova<sup>5</sup>.

Em Monção desde 1697, desconhece-se a data exacta para o início da actividade comercial dos Croft no Porto. Mas voltemos a Benjamin Tilden e a Richard Thompson. O nome do primeiro surge na Imposição do Vinho como representante da firma Thomas Phayre & C.<sup>a</sup> já em 1702, contudo, só a partir de 1710 é que assina os seus próprios movimentos de vinho naquela repartição fiscal. Apurámos através dos seus registos que a firma aumenta de forma significativa os movimentos de compra e exportação de vinhos do Porto. Em média anual entre 1710 e 1731 passou a adquirir 3015,5 pipas e a exportar 2886, quando anteriormente as mesmas médias se situavam respectivamente em 1333 e 1060 pipas<sup>6</sup>. De resto, sabemos que a fase de maior prosperidade da Croft no negócio dos vinhos ao longo da primeira metade do século XVIII se situa entre 1724, ano em que as compras ultrapassaram pela primeira vez as 4000 pipas, o mesmo sucedendo às exportações<sup>7</sup>, e o ano de 1737 em que as aquisições e as exportações se aproximaram das 6000 pipas<sup>8</sup>. Ou seja no tempo de actividade de Benjamin Tilden e Richard Thompson. Este manifesta vinhos no Porto entre 1732 e 1737. Chega a atingir 4647,5 pipas adquiridas e a exportar 4394.

A Croft foi uma das mais importantes firmas ligadas ao negócio de vinhos do Por-

4. SELLERS, Charles, *Oporto Old and New*, Londres, 1899, p. 92.

5. AHMP, L. 1320, *Imposição do Vinho*, fls.40.

6. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 308.

7. AHMP, L. 1339, *Imposição do Vinho*, fls.24-29v. e 182-184.

8. AHMP, L. 1352, *Imposição do Vinho*, fls. 50-61v. e 103.

to. O volume de mercadorias chegadas à cidade em nome dos seus principais detentores ao longo do período, foi, por isso, também muito significativo. Por ano, receberam em média 23,5 navios. Embora com carga de um leque variado de mercadorias, esta firma podemos garanti-lo, especializou-se no negócio do bacalhau oriundo da Nova Inglaterra. Para tanto basta atentar na proveniência dos navios consignados a esta Companhia<sup>9</sup>.

Apesar de ser vasto o leque de produtos alimentares que a Companhia de Tilden importou, tais como o camarão, a sardinha, o peixe Lynn, manteiga, os queijos da Irlanda e os vinhos de outras paragens como os Málaga, bem como as passas o azeite da mesma proveniência<sup>10</sup> vinhos de Alicante<sup>11</sup> ou das Canárias<sup>12</sup>, arroz das Colónias inglesas da América, tabaco brasileiro, o bacalhau figura como produto mais comercializado. A conservação do peixe seco, implicou naturalmente o uso do sal, razão pela qual quer Benjamin Tilden, quer Richard Thompson aparecem na lista inicial como principais importadores do produto.

Senhores de um vasto império comercial sobretudo construído por Benjamin Tilden e os irmãos Richard e John Thompson, os Croft mantiveram interesses em muitas paragens.

Atendendo à origem dos navios carregados com sal consignados a Benjamin Tilden e a Richard Thompson, somos levados a concluir da sua preferência pelo sal de Setúbal, já que os 24 navios que chegaram ao Porto com aquela carga destinados a estes mercadores apenas dois não tiveram como proveniência o porto de Lisboa, um teve como origem o porto da Figueira da Foz e outro o porto de Exon<sup>13</sup>.

O bacalhau como já referimos foi o produto âncora dos negócios destes mercadores ingleses do Porto e determinou que centrassem nos portos da Nova Inglaterra as suas atenções comerciais. Contudo, a sua galáxia comercial passou pelos portos importantes da Itália, como Génova, ou do Sul de Espanha, como Málaga, Gibraltar e Cádiz, tocou os principais portos portugueses, com destaque para Setúbal, Lisboa, Figueira da Foz, Aveiro e Viana do Castelo. Mantiveram contacto ainda com alguns portos das costas Galega e Cantábrica, estendendo os seus negócios aos principais portos da França, Países Baixos e Norte da Europa, sem esquecer as ilhas atlânticas, evidenciando uma notável rede comercial para a época, em larga medida animada pelos vinhos que fizeram sair do Porto.

A exportação de ouro ou prata em barra a partir de Portugal era interdita e as sanções contra os prevaricadores eram pesadas. Detectadas as fraudes, os seus responsáveis eram presos e os metais preciosos confiscados, bem como todas as mercadorias que estivessem no interior da embarcação a bordo da qual a fraude tivesse sido cometida. Os ingleses do Porto aventuravam-se por vezes a usar os cascos de transporte de vinhos para o seu país, a fim de dissimularem ouro ou prata resultantes dos seus negócios em Portugal<sup>14</sup>. Ora o nome do segundo mais importante mercador in-

9. CARDOSO, António Barros – Baco & Hermes – *O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756) ...*, Vol. II, p. 317.

10. Na barra do Douro, entrou e foi vistoriado em 9 de Setembro de 1732, o navio *A Ana*, procedente de Málaga, carregado com estas mercadorias. Apenas fez escala no Porto já que seguiu para Inglaterra. AHMP, L.450, *Visitas de Saúde*, fls. 109v. O mesmo sucedeu em Outubro de 1738 com o navio *Bartolo e Diogo*, também procedente de Málaga, carregado com vinhos para Inglaterra. AHMP, L.456, *Visitas de Saúde*, fls. 135.

11. AHMP, L.450, *Visitas de Saúde*, fls. 252v.

12. AHMP, L.451, *Visitas de Saúde*, fls. 47.

13. AHMP, L.451, *Visitas de Saúde*, fls. 146 v. AHMP, L.448, *Visitas de Saúde*, fls. 337 v.

14. SELLERS, Charles, o. c., p. 51.

glês comprador de sal que consta da nossa lista inicial é o de John Stevenson. Está no Porto entre 1702 e 1734 e encontra-se entre os signatários de uma petição dirigida ao Rei de Portugal pelos homens de negócio da cidade, solicitando o fim daquela proibição<sup>15</sup>.

Morador ao Terreiro<sup>16</sup>, o seu envolvimento no negócio dos vinhos foi também muito significativo. Em média anual comprou 1619 pipas de vinho, das quais exportou 1496. John Stevenson fez corresponder à saída dos vinhos do Porto pela barra do Douro por sua conta e risco, a entrada de quantidade variada de mercadorias. Com a sua firma por consignatária, entraram no Porto entre 1704 e 1735, 290 navios. Desses apenas 12 transportaram carga de sal. A razão principal do fraco interesse pelo sal prende-se com o facto de este mercador ter como principais negócios os têxteis os cereais e aduelas. A seguir por ordem de importância nos seus negócios vêm o ferro, o carvão de pedra e o linho e por último alguns produtos alimentares como o bacalhau, queijos e sardinha. Também negociou com produtos coloniais, como o tabaco, o pau preto e o açúcar brasileiros adquiridos em Lisboa<sup>17</sup>.

A geografia comercial deste mercador britânico evidencia por isso um maior volume de negócios com os portos do sul das Ilhas britânicas, origem da maioria dos navios de que foi consignatário na cidade do Porto. Relevamos contudo as suas ligações comerciais com a Itália, sul de Espanha, Costa Galega, golfo da Biscaia, bem como a sua inserção no trato com o Brasil<sup>18</sup>.

Também neste caso parece clara a preferência pelo sal de Setúbal já que dos 12 navios consignados a John Stevenson com carga de sal, 11 tiveram como porto de origem Lisboa e apenas um foi registado com proveniência do Porto galego de Vigo<sup>19</sup>.

A casa Taylor é nome conhecido no negócio dos vinhos do Porto. A marca chegou até nós. As suas origens radicam na intensidade comercial britânica conhecida em Viana do Lima ainda no século XVII<sup>20</sup>. Pelo menos até 1709, o porto da capital do Minho possuiu todas as condições para receber embarcações de grande tonelagem. A partir daquela data há notícias preocupantes sobre a barra do Rio Lima se encontrar impenetrável por navios de maior capacidade, devido ao seu assoreamento<sup>21</sup>. Nessa altura, entre os signatários de um documento a favor da realização de obras urgentes de remoção dos inertes acumulados na foz do Lima, aparecem já Thomas Bearsley e Peter Bearsley. De resto, o britânico John Croft (1788) refere ter sido este Peter Bearsley o primeiro inglês a interessar-se pelos vinhos do Alto-Douro, era então cônsul no Porto Walter Maynard e corria o ano de 1659<sup>22</sup>. Ao que tudo indica, os primeiros Bearsley ter-se-ão fixado em Viana e Monção e os seus interesses comerciais assentaram primeiro nas trocas com todo o Alto Minho. Com toda a certeza, os “vinhos de Viana”, isto é as produções vinícolas de Monção, e de todo o Vale do Lima, interessaram estes mercadores britânicos. Infelizmente o primeiro livro de *Visitas de Saúde às embarcações que entram a barra do Lima*, apresenta já uma

15. Idem, *Ibidem*.

16. AHMP, L. 1320, *Imposição do Vinho*, fls. 60.

17. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 382

18. Idem, *Ibidem*.

19. AHMP, L.445, *Visitas de Saúde*, fls. 418.

20. SELLERS, Charles, o. c., ., p. 126.

21. BL, Add.20:958, fól. 194.

22. SELLERS, Charles, o. c., p. 127.

data tardia, refere-se a 1708 e encontra-se muito incompleto. Apesar disso nele se encontra o registo da vistoria do navio *Blastont*, proveniente de Plymouth, em lastro, com 8 tripulantes a bordo, consignado a Pedro Bearsley, vistoriado a 27 de Outubro daquele ano, a indicar que, muito provavelmente, os vinhos seriam carga de retorno<sup>23</sup>.

A entrada dos Bearsley no negócio dos vinhos do Porto parece concretizar-se a partir de 1720. É esta a data em que, simultaneamente, os Bearsley são referidos nos registos da Imposição do Vinho<sup>24</sup> e nos livros de Visitas de Saúde às embarcações que entravam a barra do Douro<sup>25</sup>. Peter Bearsley durante a sua actividade no Porto, comprou em média anual 1505 pipas e exportou 1471, valores que o posicionam entre os principais mercadores ingleses radicados no Porto<sup>26</sup>. Como se vê na lista inicial relativa aos britânicos interessados no trato do sal, Peter Bearsley, durante o período em que se interessou pelo trato dos vinhos na cidade, fez chegar aos cais ribeirinhos 6 navios com carga de sal. Maioritariamente este foi proveniente de Lisboa, ou seja corresponderia a sal de Setúbal. Apenas uma só carga teve origem diferente, Jersey<sup>27</sup>. Haverá correspondência entre a mercadoria de especialização da casa Taylor no Porto e o negócio de sal? Tudo indica que não. De facto, os fundadores da Taylor de que Peter Bersley foi ilustre representante tiveram os cereais como mercadoria de especialização. Seguiram-se por ordem de importância os têxteis e manufacturas, matérias-primas como as aduelas e só em terceiro lugar figura o bacalhau<sup>28</sup>, o que explica o menor interesse pelo trato do sal por parte deste mercador inglês.

O mercador britânico George Bullimore, esteve estabelecido na Rua Nova, pelo menos desde 1710<sup>29</sup> e aí se manteve até 1735 em torno do negócio dos vinhos. A sua média anual de compra e exportação deste produto atingiu respectivamente 743,5 e 688,5 pipas<sup>30</sup>. Bullimore contou ainda com a colaboração de outros mercadores britânicos que mais tarde se vieram a autonomizar no negócio dos vinhos. Destacamos entre outros William Swarbreck que, antes de integrar a firma Prust & Swarbreck, representou Bullimore na Imposição do Porto, nos anos de 1713 e 1714<sup>31</sup>.

Como contrapartida para o negócio de vinhos do Porto, a companhia de Bullimore apresenta vasto rol de mercadorias do qual faziam parte, em menor escala, as farinhas, os arenques fumados, os figos e as passas algarvios, batatas, o biscoito para apresto dos navios e o arroz da Carolina, isto no que toca a produtos alimentares. Entre as matérias-primas de pouco significado quantitativo, podemos apontar o breu, os tabuados e o alcatrão, destinados a construção naval. O pau de campeche também aparece referenciado, bem como o papel, aguardente, garrafas, couros, tabaco, gengibre, chapéus e gravatas fabricadas em Bristol. De salientar no entanto que o seu

23. AMVC, L. 934, fls. 26v.

24. AHMP, L. 1335, *Imposição do Vinho*, fls. 104-106v.

25. AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 366v.

26. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 333.

27. AHMP, L. 448, *Visitas de Saúde*, fls. 244v.

28. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 340.

29. AHMP, L. 1326, *Imposição do Vinho*, fls. 55-57 e 147.

30. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 389.

31. Idem, *Ibidem*, 1 vol., p. 391.

produto de especialização foi o cereal, seguido muito de perto pelo bacalhau, o que ajuda a explicar as compras de sal que se encontram documentadas em oito navios que entraram com essa carga a si consignados todos oriundos de Lisboa o que nos leva a concluir do seu interesse pela produção de Setúbal.

A firma Raimundo Ritte & C.<sup>a</sup> estabeleceu-se na Rua Nova no negócio dos vinhos desde 1693<sup>32</sup>. Em média anual adquiriu 1612 pipas, das quais exportou 1486, entre 1702 e 1727, ano em que deixa de figurar nos registos da Imposição do Vinho<sup>33</sup>. Que mercadorias fez chegar ao Porto em troca com os vinhos do Douro que maioritariamente comercializou? Em primeiro lugar as *fazendas secas*. Igual peso tiveram os cereais, com destaque para o trigo. Importou também alguma cevada, centeio e arroz. O grande volume de comércio deste britânico, implicou que a aduela para confecção do mais variado vasilhame, desde as pipas, aos barris e barricas, ocupasse o terceiro lugar nas mercadorias que, com mais frequência aparecem referidas nas cargas dos navios a si consignadas. O ferro, em arcos ou em barra, ocupa o quarto lugar. O bacalhau ainda tem alguma expressão já que carregados desse peixe, oriundos da Terra Nova e a si destinados, chegaram ao Porto 27 barcos, em média, mais do que um barco de bacalhau por ano, o que explica as seis cargas de sal, uma embarcada mesmo em Setúbal<sup>34</sup> cinco em Lisboa e outra no Mondego, ou seja na Figueira da Foz<sup>35</sup>.

Offley, marca ainda hoje conhecida de vinhos do Porto, foi fundada em 1719<sup>36</sup> por Gregory Bymes. Henry Bymes, foi um dos fundadores desta firma que nos aparece na lista de mercadores estrangeiros que trataram com sal no Porto, a receber 6 navios com carga desta mercadoria. Trata-se de sal de Setúbal, já que todos esses navios apresentam Lisboa como porto de origem. Em média anual, Henrique Bymes & C.<sup>a</sup> adquiriu 1008 pipas de vinho, das quais exportou 931 pipas<sup>37</sup>.

Os negócios dos fundadores da Offley no Porto, assentaram nos cereais. O bacalhau, mercadoria normalmente presente no trato das casas inglesas ligadas ao vinho do Porto, embora não estando ausente, não teve neste caso uma expressão significativa. Já no século XIX (1831), entraria para esta firma uma das mais conhecidas personalidades da história dos vinhos do Porto, Joseph James Forrester (o barão Forrester) autor dos mapas do "*País Vinhateiro do Alto Douro*" e do mapa do Rio desde a fronteira espanhola até à sua foz, isto para lá uma série de estudos pioneiros sobre agricultura, comércio e combate a doenças da videira como o oídio.

32. Esse é o primeiro ano em que Raimundo Ritte surge nos Livros da Imposição do Vinho. AHMP, L. 1313, *Imposição do Vinho*, fls. 70. Manifestou então 261 pipas. Em 1695, os seus movimentos em torno do negócio do vinho ascendiam já às 315 pipas. AHMP, L. 1314, *Imposição do Vinho*, fls. 162. No ano seguinte (1696) o seu manifesto atinge 2380 pipas AHMP, L. 1315, *Imposição do Vinho*, fls. 27, 140 e 158 e em 1697, 1605 pipas AHMP, L. 1316, *Imposição do Vinho*, fls. 36 e 161.

33. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 408.

34. AHMP, L. 441, *Visitas de Saúde*, fls. 21v.

35. AHMP, L. 442, *Visitas de Saúde*, fls. 171.

36. SELLERS, Charles, apresenta o ano de 1720 para a fundação desta firma. o. c., p. 93. Contudo, já em 1719, Gregory Bymes manifestava vinhos na Imposição do Porto. O nome que consta dos registos é o de Gregório Birne ou Berne. AHMP, L. 1334, *Imposição do Vinho*, fls. 166.

37. CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto, GEHVID, 2003, 1 vol., p. 342.



**Portugueses mercadores de vinho e de sal**

Mercadores	Número de barcos com carga de sal
ANTÓNIO MOREIRA DA CRUZ .....	2
DOMINGOS ALVES BRAGA .....	3
VICENTE PEDRO .....	2

Como se pode constatar no quadro acima, foi reduzido o número de mercadores de vinho no Porto que se interessaram pelos negócios com sal. De facto, o negócio do bacalhau e do peixe seco em geral, bem como o trato das carnes que a cidade importava estava, como já referimos, em mãos de estrangeiros, particularmente dos ingleses. Assim, não é de estranhar a escassez da presença dos mercadores de vinho de nacionalidade portuguesa neste negócio. O que moveu então alguns destes mercadores de vinho a tratarem também com sal? Trata-se de uma questão de resposta difícil. Contudo podemos adiantar que se trata de grandes mercadores do Porto. Com excepção de Vicente Pedro, os restantes tiveram interesse significativo no negócio de vinhos no Porto. António Moreira da Cruz, morador aos Ferradores, aparece na Imposição do Porto a manifestar vinhos que envia para a colónia do Brasil, onde fez chegar entre 1720 e 1742, 445,5 pipas de vinho. Em paralelo, notamo-lo através dos registos do notariado como um mercador interessado em várias senhorios de navios, em parceria com as grandes companhias inglesas da cidade. Logo em 1736, vemo-lo interessado no navio Santiago Maior em parceria com Pedro Henkel, Pedro Arcediago e associado a alguns capitães de navios fixados na cidade da Baía, bem como a mercadores portugueses de Recife e Pernambuco<sup>38</sup>. Até 1743 manteve-se activo no Porto, 35 escrituras notariais diversas que testemunham a sua crescente actividade na urbe.

Quanto a Domingos Alves Braga, morador no centro de negócios de então, a Rua Nova, também nos surge como exportador de vinho para a colónia do Brasil onde fez chegar 587 pipas de vinho, entre 1724 e 1749. A expressão dos seus negócios na urbe foi bem menor do que a de António Moreira da Cruz a avaliar pelo menor número de escrituras notariais de que foi signatário.

Vicente Pedro manteve-se no Porto entre 1705 e 1747. Nesse período entraram a barra do Douro 119 barcos a ele consignados. Apenas dois foram portadores de cargas de sal. Os ingleses dominavam as trocas entre Portugal e a Inglaterra, por isso foi fraca a sua penetração nesses mercados. Aproveitou as franjas que os britânicos deixavam ao trato dos nacionais privilegiando os contactos comerciais com os portos de Estocolmo, Hamburgo e Amsterdão, muito embora não descurasse os contactos com Londres e Plymouth, por exemplo. Para lá dos já citados portos do Norte da Europa, manteve contactos com a França. De onde recebeu 5 navios. Infelizmente a fonte não nos permitiu que identificássemos os portos de origem destes barcos. Já quase marginais a este movimento foram os contactos que manteve com a Carolina, Danzig e Dublin. No quadro do seu trato, destacam-se ainda os portos nacionais. De Lisboa recebeu 8 navios que transportaram ferro<sup>39</sup>, sal<sup>40</sup>, arroz<sup>41</sup>, papel e sola<sup>42</sup>, ce-

38. AN/TT – ADP – I/30/3 CX.39, Liv. 179, fls. 265.

39. AHMP, L. 442, *Visitas de Saúde*, fls. 105.

40. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 16.

41. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 176.

42. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 211 v.

reais<sup>43</sup>, aduelas<sup>44</sup>, cevada, manteiga<sup>45</sup> e encomendas várias<sup>46</sup>. Manteve ainda interesse no mercado brasileiro. Daí recebeu a consignação de 8 navios: o *Santa Thereza*, em 17 de Setembro de 1711, procedente do Rio de Janeiro e que fez escala em Lisboa, com carga de sal arroz, papel e solas<sup>47</sup>. De Pernambuco, recebeu carga de açúcar e sola vinda a bordo do Santo António de Guimarães, visitado nas águas do Douro em 20 de Agosto de 1720, cujo capitão foi Domingos Peres Lima<sup>48</sup>. Em 1722, recebeu idêntica mercadoria com a mesma origem e vinda a bordo do mesmo navio<sup>49</sup>, o mesmo sucedendo em 1730, quando o mesmo barco chegou ao Porto vindo de Pernambuco sob o comando do capitão Damião Quaresma<sup>50</sup>. Da Baía, recebeu o maior número de navios do Brasil, quatro. As cargas foram sistematicamente de açúcar, couros e solas. É igualmente conhecido o movimento da firma que fundou, embora sob a gestão de Vicente Pedrossem Silva, na vida económica de Aveiro, entre 1766 e 1781<sup>51</sup>.

A dimensão comercial de Vicente Pedro, morador na Reboleira, uma das mais importantes ruas de comércio da urbe portuense da época, não encontra nos vinhos o seu principal suporte: em média, nos anos da sua actividade adquiriu 104,2 pipas, a maioria das quais exportou para o Norte, suspeitamos que para Hamburgo, porto com o qual manteve fortes relações comerciais e expressamente citado como destino de exportação pelo menos em 1723<sup>52</sup>. As principais mercadorias em que assentou o negócio de Vicente Pedro foram, o ferro, as aduelas, o aço, o linho e o tabuado. Ou seja, tratou sobretudo com os produtos dos portos holandeses, alemães, russos e suecos com os quais mantinha maior volume de negócios. Os produtos alimentares, nomeadamente o açúcar brasileiro e os cereais, com destaque para o trigo, também o interessaram, contudo em escala diminuta quando comparados com os produtos típicos do Norte Europeu. No seu conjunto, constam da lista seguinte (*página ao lado*) os produtos que Vicente Pedro fez chegar à cidade do Porto.

O fundador desta firma comercial foi Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Ofício. Vicente Pedrossem da Silva foi casado com Dona Anna Micaella Fraga da Silva e ambos eram naturais e moradores na freguesia de São Nicolau da cidade do Porto. Estes informes constam do processo de candidatura a Cavaleiro da Ordem de Cristo apresentado em 1756 pelo seu filho, que usou o mesmo nome do pai, Vicente Pedrossem da Silva. Dele consta também que a origem da fortuna da família radica no avô do candidato, enriquecido no Brasil, para onde tinha ido com apenas 15 anos de idade. Regressou para casar em Guimarães com Dona Angela Micaella e fixaram-se no Porto. Quer um quer outro não exerceram nunca ofícios mecânicos, já que eram filhos de lavradores ricos. Testemunhou a favor de Vicente Pedro, Pedro Henckell, que na altura tinha 47 anos de

43. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 364.

44. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 369 v.

45. AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 202

46. AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 5 v.

47. AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 211 v.

48. AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 415 v.

49. AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 323 v.

50. AHMP, L. 449, *Visitas de Saúde*, fls. 220 v.

51. AMORIM, Inês – *Aveiro e a sua Provedoria no séc. XVIII (1690-1814)*, Estudo económico de um espaço histórico, Aveiro, CCRC, 1997, p.556.

52. AHMP, L. 1338, *Imposição do Vinho*, fls. 190.



**Mercadorias mais vezes mencionadas nos navios consignados a Vicente Pedro & C.<sup>a</sup>**

<i>mercadorias</i> .....n.º de navios	<i>mercadorias</i> .....n.º de navios
fardos de fazendas secas ... 9	penicos .....1
ferro .....68	arroz .....3
aço .....28	papel .....2
tabuado .....22	sola .....7
alcatrão .....8	trigo .....14
aduela .....37	manteiga .....1
queijos .....7	cobre .....5
linho .....24	açúcar .....7
sal .....2	milho .....1
cevada .....2	breu .....1
pólvora .....6	frasqueiros .....1
goma .....2	cominhos .....1
tintas .....1	

idade. Em relação a Vicente Pedro pai, disse que sempre se tinha tratado com distinção e o mesmo trato afixou os referidos seus avós paternos, possuidores de carruagem e servindo os cargos da maior distinção da cidade<sup>53</sup>.

**A terminar**

Esta pequena incursão pelo comércio portuense protagonizado por mercadores de vinho nacionais e estrangeiros no Porto da primeira metade do século XVIII, indica que o sal era mercadoria que circulava nos seus barcos. Em alguns casos pode afixar-se da importância estratégica do produto no leque de negócios desses mercadores. Afinal, sobretudo os estrangeiros de nacionalidade britânica tinham o peixe seco como mercadoria primeira entre os produtos que faziam chegar à cidade do Porto por troca com os vinhos que ostentavam o nome da urbe. Nesse âmbito, o bacalhau desempenhava papel de relevo económico. Noutros casos, o sal era usado como lastro que preenchia o espaço vago de mercadorias. Sem um valor expressivo nos negócios deste ou daquele mercador era mercadoria aceite em qualquer porto face à importância que tinha na conservação do peixe, mas também das carnes.§